



XI Congresso Português de Sociologia
*Identidades ao rubro: diferenças, pertencas e
populismos num mundo efervescente*
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Trabalho, Organizações e Profissões**

**A trajetória bumerangue do emprego: o caso da Madeira
The boomerang trajectory of employment: the case of Madeira**

FABRÍCIO, Ricardo. Universidade da Madeira e SOCIUS; Faculdade de Ciências Sociais – DGE; Campus Universitário da Penteada - Gab 1.83;9020-105 Funchal – Portugal; rf@uma.pt

Resumo

O mercado de emprego da Madeira, que se deteriorou a partir do início do Séc. XXI e agravou com a crise financeira de 2008, a intervenção externa no país (2011) e o Programa de Ajustamento Económico da RAM (2012), revela atualmente as transformações a que tem estado submetido.

Esta reflexão tem por objetivo contribuir para a compreensão da população empregada na Madeira (2008-2020) e revelar como a segmentação e a polarização do mercado de emprego articula-se com uma reduzida taxa de crescimento real dos rendimentos salariais médios mensais líquidos.

Com base numa abordagem metodológica que faz uso de um conjunto de dados (oficiais), referentes à população empregada e às suas componentes-chave, desenvolvemos um exercício de imaginação sociológica, que vislumbrou uma trajetória bumerangue no emprego na Madeira, ou seja, o emprego foi e regressou, mas no regresso revelou alterações nas suas propriedades.

Abstract

Madeira's job market, which has deteriorated since the beginning of the 21st century and aggravated with the 2008 financial crisis, the external intervention on the country (2011) and the RAM Economical Adjustment Program (2012), nowadays reveals the transformations which it has been subjected to.

This reflection has as its goal contributing to the understanding of the employed population in Madeira (2008-2020) and reveal how the segmentation and polarization of the job market articulates itself with a reduced real growth index of the average monthly liquid wage income.

Based on a methodological approach which takes use of (official) data, referring to the employed population and its key components, we developed an exercise of sociological imagination, which glimpsed at a boomerang trajectory in employment in Madeira, meaning, employment went and came back, but in its return, it revealed alterations in its properties.

Palavras-chave: Emprego; trabalho; ultraperiferia; Madeira

Keywords: Employment; work; outermost regions; Madeira

XI-APS-47556

Introdução à trajetória do emprego

As regiões ultraperiféricas (RUP) são reconhecidas no contexto da União Europeia (UE)ⁱ como territórios que apresentam idiossincrasias resultantes das suas características geográficas. Guadalupe, Guiana Francesa, Martinica, Maiote, Reunião, Saint-Martin, Canárias, Açores e Madeira apresentam condições sociais e económicas estruturais, devido às grandes distâncias que as afastam da plataforma continental europeia, mas em algumas destas regiões, as condições estruturais decorrem ainda da insularidade, da pequena superfície, do relevo e do clima, ou seja, de um conjunto de fatores propícios a monoculturas económicas que agudizam a dependência destes territórios face a um pequeno número de produtos/serviços/setoresⁱⁱ, conforme é reconhecido e encontra-se consagrado no Tratado sobre o Funcionamento da União Europeiaⁱⁱⁱ (Artigo 349º).

As idiossincrasias das RUP potenciam várias consequências, sendo possível destacar duas que, do ponto de vista social, são particularmente significativas: o PIB per capita, em percentagem da média comunitária nestes territórios remotos, é inferior aos registados nos Estados-membros (de que fazem parte); os respetivos mercados de emprego exibem dinâmicas peculiares, tradicionalmente, com correspondência em taxas de desemprego mais elevadas do que as taxas registadas nos mercados de emprego dos espaços nacionais (em que se integram).

Sem pretender explicar a totalidade das consequências das condições estruturais das RUP, este texto procura contribuir para a reflexão e a discussão sobre o emprego numa RUP da União Europeia (a Madeira) e, por essa via, expor como diferentes planos sociais da realidade europeia (micro/macro; centralidades/ultraperiferias; territórios continentais/territórios insulares, por exemplo) lidam com fenómenos transversais, como são as dinâmicas de emprego.

No mercado de emprego da Madeira, uma das regiões ultraperiféricas portuguesas, sobre a qual incide a nossa abordagem, a confrontação entre diferentes planos da realidade social, coloca-nos perante as variações de magnitude dos fenómenos sociais, quando considerados em distintos espaços territoriais da UE. Trata-se de um subconjunto de um mercado nacional que esteve sujeito a transformações recentes, sob o efeito de uma intervenção externa (Fabrício, Koene e Sobral, 2016), mas quando é tratado de forma isolada, tem o poder de melhor ilustrar como um mercado de emprego geograficamente remoto não está isento das

tendências que assolam o trabalho na contemporaneidade (Fabrício, 2015), sobretudo, por revelar e reproduzir dinâmicas de reconfiguração do trabalho e do emprego, sobejamente conhecidas de outros mercados de emprego, designadamente, não insulares, não ultraperiféricos e de outras escalas e latitudes geográficas.

É com base neste enquadramento que é possível sugerir uma trajetória do emprego na Madeira (2008-2020), que acolhe um conjunto de elementos adstritos às tendências de segmentação e de polarização do emprego, particularmente evidentes no (parco) crescimento real dos salários médios mensais, coincidentes com o estabelecimento de uma nova realidade laboral e que torna inevitável a reflexão sobre a quantidade de emprego e a qualidade de emprego gerada nos últimos anos.

Na verdade, a trajetória do emprego descortinada na Madeira vem reforçar o trabalho e o emprego como temas sociais centrais delicados, diríamos, duplamente delicados no caso das RUP, na medida em que as idiosincrasias dos territórios mais frágeis, insulares e ultraperiféricos, não denotam ser propriamente favoráveis à criação de melhores empregos, designadamente em termos salariais, não obstante os esforços que têm vindo a ser feitos de viabilização de empregos em maior quantidade.

Trabalho e o emprego numa RUP: breves considerações teóricas

Interessar-se pelo trabalho e o emprego na contemporaneidade implica conferir-lhes um contexto e este admite um quadro geral de ação, em que as atividades humanas são potencialmente líquidas, ambivalentes e paradoxais (Bauman 1997 e 2001), inscrevendo-se nos tramites do novo espírito do capitalismo (Boltanski & Chiapello, 1999) ou da nova ordem capitalista (Plihon, 2003; Sennet, 2000; 2006).

Refletir sobre o trabalho e o emprego numa RUP, num tempo em que as relações de produção e consumo estão globalizadas (Atzeni, 2013) e a desigualdade de riqueza tem vindo a crescer rapidamente desde 2008 (Davies & Shorrocks, 2018), é averiguar a (des)proporcionalidade entre a distribuição de riscos (Beck, 2000 e 2001) e de riqueza (World Social Report, 2020), fenómeno que obstaculiza a progressão rumo aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável^{iv}.

Assim, face à hegemonia da sociedade das organizações (Perrow, 1991), inquirir o trabalho e o emprego é dar conta das suas metamorfoses (Kovács, 2002 & 2005),

um processo inacabado, mas com consequências palpáveis, que não contrariam o aumento da dependência pelos salários e de como esta dependência tem viabilizado a criação de ambientes sociais favoráveis à mercadorização do trabalho (Sallaz, 2013), à disseminação dos *new employment arrangements* (Carré, Ferber, Golden & Hersenberg, 2000), em suma, a proliferação de uma panóplia de *non-standard employment* (Kosh & Fritz, 2013), que fomentam relações laborais cada vez mais sujeitas à moldura da gestão algorítmica das pessoas e do *app-work*, tão em voga na denominada *gig economy* (Duggan, Shermam & Carbery, 2020).

Na contemporaneidade, o trabalho e o emprego representam fenómenos sociais que admitem (e carecem) (d)a razoabilidade teórica das perspetivas que vislumbram a estratificação (salarial, de carreiras, de estatutos profissionais, de formação e da qualidade de vida no trabalho) e a segmentação do trabalho (Kalleberg, 2009), mas também das que alertam para a variabilidade que estes fenómenos são capazes de adquirir em função das diferentes escalas e latitudes em que se manifestam (Kosh, 2013).

Perspetivar o trabalho e o emprego nestes moldes teóricos leva-nos a reconhecer a reconfiguração do emprego (Fabrício, Sobral & Lopes, 2014), com as suas múltiplas mudanças (na estrutura etária, na distribuição setorial ou no nível de escolaridade da população empregada, entre outras), conjugáveis com a fragilidade, a temporalidade contratual, a vulnerabilidade ou a precaridade dos laços laborais (Barbier, 2013) e a compreender como estas mudanças viabilizam a segmentação e a polarização, indicadas como sendo características do mercado de emprego português (Dias, Kovács e Cerdeira, 2020).

É sabido que o mercado de emprego da Madeira, como subconjunto do mercado de emprego português, tem estado sujeito a reconfigurações na última década, algumas das quais relacionadas com fenómenos de erosão etária e geracional da sua população (Fabrício, 2015). Este mercado não ficou imune às tendências exteriores, nomeadamente, em matéria de formatos de emprego mais instáveis e entendidos como expressões de fragilidade, temporalidade contratual, vulnerabilidade ou precaridade nos laços laborais. No entanto, com o decorrer dos anos e o aumento da distância face ao pico da intervenção *troikiana* (que é parte impactante na reconfiguração ocorrida), torna-se necessário, sem dispensar os atributos da imaginação sociológica, compreender até onde nos conduziu a trajetória do emprego, nomeadamente, em termos salariais.

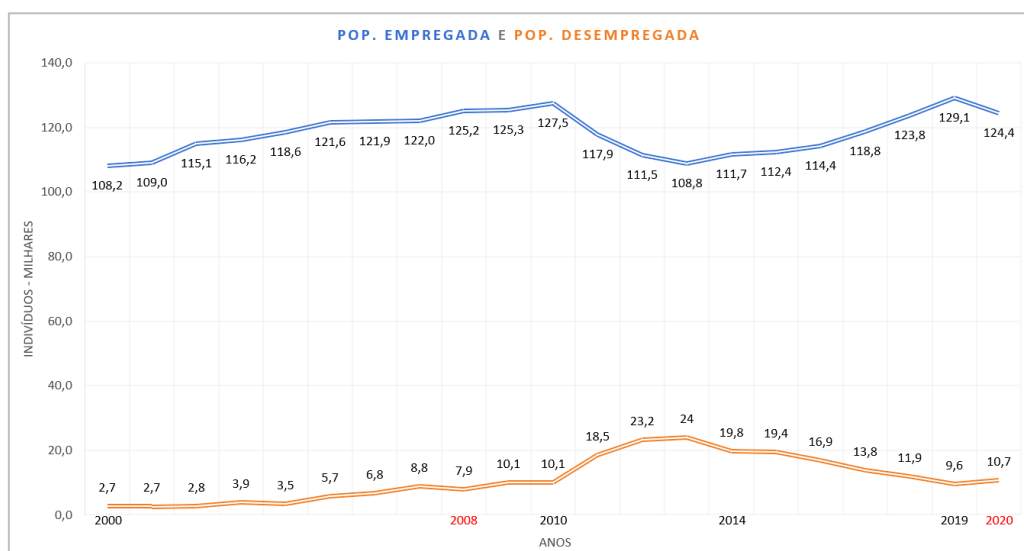
Nota metodológica

A opção metodológica que suporta este texto faz uso de um conjunto de dados estatísticos públicos e oficiais (INE, Inquérito ao Emprego; INE/DRE – IDEF – Inquérito às Despesas das Famílias e Estatísticas do Emprego; Anuário Estatístico da RAM; DREM), que permite aceder às populações (residente, ativa e empregada), mas também (numa fase posterior) às diferentes dimensões da população empregada da Madeira, nomeadamente, categorizada por grupos etários, sexo, nível de escolaridade, setor de atividade económica, situação na profissão, tempo completo e parcial, tipo de contratos e rendimento salarial médio mensal. A abordagem metodológica preconizada, desenrola-se de acordo com uma lógica multinível e sequencial, que recolheu, organizou, analisou dados, visando, posteriormente, um exercício reflexivo, impulsionado pela imaginação sociológica, de que resultou uma proposta de uma trajetória (do tipo bumerangue) para o emprego na Madeira.

Trajectoria do emprego numa RUP: o caso da Madeira (2008-2020)

Podemos entender a trajetória do emprego como sendo o percurso percorrido pelo emprego num determinado período e local, tornando desde logo necessário justificar a opção por esse período e por esse local. A este propósito diremos que, em primeiro lugar, a opção pelo local (Madeira) advém da sua singularidade (o emprego numa RUP da UE), para além da inegável proximidade e conveniência deste território para a atividade do investigador. Relativamente ao período é conveniente referir que este alberga os anos em que se registaram os valores máximos de população empregada (2019) e de população desempregada (2013) na Madeira, entre os anos de dois mil e de dois mil e vinte (Figura 1), sendo assim um período de tempo depositário de manifestações marcantes e extremas, logo, dotado de pertinência social.

Figura 1 – População empregada e desempregada na Madeira (2000-2020)



O período 2008-2020 (na realidade social madeirense) açambarca como limite inferior (2008) um momento que antecede o fim da primeira década do Séc. XXI, como também coincide, cobre e contém uma série de acontecimentos dotados de grande significado, tais como, a crise financeira de 2008, a intervenção da troika em Portugal (2011)^v e o Programa de Ajustamento Económico na RAM (2012)^{vi}. É uma porção de tempo que revela extensão e significado, no âmbito do qual se verificou o auge da deterioração do mercado de emprego na Madeira (2013), iniciada nos primeiros anos da primeira década deste milénio (Fabrício, 2015), mas também a recuperação (quantitativa do emprego), que atingiu valores recorde nos finais da segunda década do mesmo século (2019).

No entanto, as ocorrências quantitativas do mercado de emprego madeirense não são suficientes para que possamos presumir das mesmas, quaisquer recuperações qualitativas do emprego na Madeira. É um facto: o vislumbre que se alcança da observação quantitativa do emprego entre 2008 e 2020 é opaco e não esclarece (de imediato) as propriedades desses mesmos empregos, sendo esta *opacidade quantitativa* um argumento adicional que se pode esgrimir para justificar o período (2008-2020) e reiterar a pertinência do local (Madeira) nesta reflexão sociológica.

Efetivamente, a porção temporal considerada (2008-2020) é adequada em termos de análise, mas não é somente pela amplitude e as oscilações de emprego que regista, mas fundamentalmente pelas transformações eminentemente qualitativas que, entretanto, se estabeleceram no seu interior. Considerar a trajetória do emprego na Madeira, entre

2008 e 2020, em termos estritamente quantitativos, corresponde a um exercício manifestamente redutor, quando da segmentação e da polarização do emprego existem consequências para as relações laborais, que no caso da Madeira acabam por ter uma notória (e preocupante) expressão salarial.

O mercado de emprego da Madeira é um subconjunto da população total (PT) que denotou uma variação negativa (-3,9%), quando consideramos os limites do período em causa (2008-2020), embora dotada de diferentes significados quando consideramos os vários grupos etários: 15-24 anos (-11,9%), 25-34 anos (-25,8%), 35-44 anos (-9,0%), 45-64 anos (+26,2%) e 65 e + anos (+19,7%). Esta variação geral na população total (-3,9%), que pode servir de bitola ao início da análise, quando é considerada por género (na mesma população) não apresenta disparidades significativas, com exceção para o ocorrido no grupo etário 65 e + anos (+19,7%), em que o aumento percentual da população do género masculino foi maior (24,6%), do que o aumento verificado na população do género feminino (17,0%).

Em termos do nível de escolaridade desta população (PT), o nível secundário e pós-secundário (+66,8%) e superior (+107,4%) cresceram e o básico (-21%) diminuiu. Face a estes dados, é desde logo razoável considerar que o que tenha ocorrido com a população empregada da Madeira no período apreciado, está inserido num contexto de diminuição da população total, que tem na melhoria da escolaridade uma característica-chave, visto que em termos de matéria de género não existem variações significativas.

No que concerne à população ativa (PA) verificou-se, no mesmo período, um crescimento pouco expressivo (1,4%), embora oscilante, mas com um significado diferente da população total (-3,9%), ou seja, o mercado de emprego da Madeira registou mais ativos num período de diminuição da população total. Ainda assim é possível identificar diferentes dinâmicas nos grupos etários da população ativa, com as perdas localizadas nos grupos 15-24 anos (-47,0%), 25-34 anos (-26,8%), 35-44 anos (-7,3%) e os ganhos concentrados nos grupos etários 45-64 anos (+40,4%) e com 65 e + anos (+76,8%). Ao nível da escolaridade da população ativa verificou-se o aumento do nível secundário e pós-secundário (+71,2%) e superior (+95,1%) e a diminuição do básico (-29,8%).

Deste modo, as dinâmicas observáveis na população empregada e desempregada (Figura 1), que se inserem no comportamento da população total, fazem parte de uma população ativa que melhorou a escolaridade, com o nível de escolaridade igual ou superior ao secundário (38,5% em 2008) a representar 45,2% desta população em 2020

e fez-se acompanhar de variações em termos de género (na população ativa), com estas a traduzirem-se num reforço do género feminino (5,9%) e numa diminuição do género masculino (-2,6%).

Porém, estas movimentações identificadas na PT e na PA pouco revelam sobre as propriedades do (des)emprego, do mesmo modo que a evolução da taxa de desemprego *per se* pouco adiciona à compreensão de tais propriedades, sobretudo, quando da evolução da taxa de desemprego na Madeira (Tabela 1) se obtém uma leitura relativamente insípida, que somente nos indica uma subida de 6,0% (em 2008) para 7,9% (em 2020), ou seja, limita-se a dar conta da existência de uma variação positiva (+1,9%), que não revela os seus meandros.

Tabela 1 – Taxa de desemprego por Regiões NUTS I (2008-2020)

	2008	2014	2019	2020	Var.
	%	%	%	%	
Portugal	7,2	13,9	6,5	6,8	-0,4
Continente	7,6	13,8	6,4	6,8	-0,8
Norte	8,7	14,8	6,7	6,8	-1,9
Centro	5,4	10,7	4,9	5,6	0,2
Área Metropolitana de Lisboa	8,2	14,9	7,1	7,7	-0,5
Alentejo	9,0	14,3	6,9	5,9	-3,1
Algarve	7,0	14,5	7,1	8,3	1,3
Região Autónoma dos Açores	5,5	16,3	7,9	6,1	0,6
Região Autónoma da Madeira	6,0	15,1	7,0	7,9	1,9

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

As leituras mais esclarecedoras surgem apenas quando a população empregada na Madeira começa a ser indagada do modo multidimensional (Tabela 2) e torna-se notório como esta população em 2020 era ligeiramente menor (-0,7%) do que em 2008, embora esta diminuição tenha repercussões em termos de género, com uma diminuição do género masculino (-4,4%) e um aumento do género feminino (+3,6%), num período em que a PT diminuiu (-3,9%) e a PA aumentou (1,4%).

Perante as movimentações detectadas, importa referir como as variações da PE nos grupos etários voltam a assemelhar-se às variações observadas nos grupos etários da

PT e da PA, ou seja, as populações empregadas dos grupos etários 15-24 (-58,1%), 25-34 (-31,4%), 35-44 (-8,6%) diminuíram e o grupo 45-64 (+38,85) e com 65 e + anos aumentaram (+74,9%), ficando assim melhor explicitada a dimensão qualitativa (e com inegável leitura social), de um fenómeno de erosão etária e geracional da PE, particularmente respeitante à população empregada sub-35 anos da Madeira.

Tabela 2 – População empregada da Madeira (grupo etário e sexo)

		2008	2014	2019	2020	Var.	Var. %
	HM	125,2	111,7	129,1	124,4	-0,8	-0,7%
	H	66,5	55,6	64,9	63,5	-3,0	-4,4%
	M	58,8	56,1	64,2	60,9	2,1	3,6%
Dos 15 aos 24 anos	HM	11,7	4,5	6,8	4,9	-6,8	-58,1%
	H	6,8	2,4	4,3	3,4	-3,4	-50,2%
	M	4,8	2,1	2,5	1,5	-3,3	-69,1%
Dos 25 aos 34 anos	HM	33,2	22,7	24,9	22,8	-10,4	-31,4%
	H	17,4	10,8	13,0	11,8	-5,6	-32,3%
	M	15,8	11,9	11,9	11,0	-4,8	-30,3%
Dos 35 aos 44 anos	HM	35,0	33,3	33,3	32,0	-3,0	-8,6%
	H	18,6	16,3	16,6	16,5	-2,1	-11,1%
	M	16,5	17,0	16,7	15,6	-0,9	-5,2%
Dos 45 aos 64 anos	HM	40,2	45,4	54,9	55,8	15,6	38,8%
	H	20,9	22,8	25,7	26,9	6,0	28,7%
	M	19,3	22,7	29,2	28,8	9,5	49,2%
Com 65 e mais anos	HM	5,1	5,7	9,2	8,9	3,8	74,9%
	H	ND	3,2	5,3	4,9	ND	ND
	M	ND	2,5	3,9	4,0	ND	ND

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - Un: milhares de indivíduos

É igualmente verificável como a escolaridade da população empregada (Tabela 3) denota melhorias no período, com o nível secundário e pós-secundário (+59,9%) e superior (+90,4%) a aumentarem e o básico (-30,0%) a diminuir, sendo possível referir que a população empregada com nível de escolaridade igual ou superior ao secundário (39,3% em 2008) representava 49,3% desta população em 2020.

Tabela 3 – População empregada da Madeira (nível de escolaridade completo)

		2008	2014	2019	2020	Var.	Var. %
Até ao básico - 3º ciclo	HM	89,9	67,8	68,0	62,9	-27,0	-30,0%
	H	52,7	37,7	38,5	34,9	-17,8	-33,7%
	M	37,2	30,1	29,5	28,0	-9,2	-24,8%
Secundário e pós-secundário	HM	19,4	22,3	33,1	31,0	11,6	59,9%
	H	7,9	10,1	16,4	16,5	8,6	109,7%
	M	11,5	12,2	16,7	14,5	3,0	25,9%
Superior	HM	16,0	21,5	27,9	30,4	14,4	90,4%
	H	5,9	7,7	9,9	12,1	6,2	104,1%
	M	10,0	13,8	18,0	18,4	8,4	83,4%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - Un: milhares de indivíduos

Conforme referido anteriormente, a população empregada em 2020 era menor (-0,7%) do que em 2008, no entanto, a distribuição do emprego em 2020 revela diferentes realidades do emprego por setores de atividades, que vêm demonstrar a diminuição do peso dos setores primários e secundários, num contexto de aumento da terciarização do emprego, que é definitivamente uma das marcas do período.

Entre 2008 e 2020 (Tabela 4) ocorreram diminuições significativas de população empregada no setor primário (-14,8%) e secundário (-40,9%), embora seja observável uma tendência contrária no setor terciário, que registou um crescimento de população empregada (+15,4%), cujo significado fica mais claro quando temos em consideração que o emprego no setor terciário (66,5% em 2008) já representava 77,2% do emprego total na Madeira em 2020. Efetivamente, desapareceram neste período (2008-2020) cerca de 14.000 empregos nos setores primário e secundário.

É certo que em termos absolutos perderam-se apenas 800 empregos no período considerado, o que demonstra bem como este valor pode ludibriar a compreensão das transformações ocorridas, que na verdade são evidentes na distribuição da PE, cujo crescimento geral nos serviços foi 15,4%, tendo atingido taxas de variação bem superiores nos transportes e armazenagem (32,3%), nas atividades administrativas e de serviços de apoio (44,5%) e nas atividades da saúde humana e apoio social (40,2%).

Tabela 4 – População empregada da Madeira (por setor de atividade principal CAE-Rev. 3 e sexo)

		2008	2014	2019	2020	Var.	Var. %
	HM	125,2	111,7	129,1	124,4	-0,8	-0,7%
	H	66,5	55,6	64,9	63,5	-3,0	-4,4%
	M	58,8	56,1	64,2	60,9	2,1	3,6%
A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca							
	HM	13,2	14,6	13,8	11,2	-2,0	-14,8%
	H	ND	9,0	ND	ND	ND	ND
	M	ND	5,6	ND	ND	ND	ND
B a F: Indústria, construção, energia e água							
	HM	28,8	13,1	18,6	17,0	-11,8	-40,9%
	H	24,4	11,3	15,8	14,4	-10,0	-41,0%
	M	4,4	1,8	2,9	2,6	-1,8	-40,5%
C: Indústrias transformadoras							
	HM	7,8	4 463	6,3	4,3	-3,5	-44,9%
F: Construção							
	HM	19,4	6 271	10,0	10,5	-8,9	-46,0%
G a U: Serviços							
	HM	83,3	83,9	96,6	96,1	12,8	15,4%
	H	34,8	35,3	40,3	42,3	7,5	21,5%
	M	48,5	48,6	56,3	53,8	5,3	11,0%
dos quais:							
G: Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos							
	HM	16,1	13,0	18,3	17,0	0,9	5,6%
H: Transportes e armazenagem							
	HM	4,7	4,2	4,9	6,2	1,5	32,3%
I: Alojamento, restauração e similares							
	HM	15,4	12,8	16,6	16,2	0,8	5,0%
N: Atividades administrativas e dos serviços de apoio							
	HM	2,6	4,7	5,0	3,8	1,2	44,5%
O: Administração Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória							
	HM	11,1	11,6	11,5	11,2	0,1	0,8%
P: Educação							
	HM	10,0	13,8	12,5	11,8	1,8	18,2%
Q: Atividades da saúde humana e apoio social							
	HM	9,1	9,6	11,2	12,8	3,7	40,2%
S a U: Outros serviços							
	HM	5,5	6,6	6,6	6,1	0,6	11,0%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - Un: milhares de indivíduos

O comportamento do mercado de emprego da Madeira permite ainda outras leituras, nomeadamente, quando articulamos os dados referentes à situação na profissão (conta de outrem/conta própria), aos tipos de contrato (sem termo/com termo) e aos tempos de contrato (completo e parcial). Num tempo de elevada dependência salarial, o emprego conjuga-se com o acréscimo do autoemprego e das temporalidades contratuais com termo. Os dados referentes a estas molduras em que decorrem as relações laborais, revelam o aumento do emprego por conta própria (9,4%) e a diminuição do emprego

por conta de outrem (-1,8%), que se faz acompanhar da diminuição dos contratos sem termo (-3,5%) e do aumento dos contratos com termo (6,8%), mas que têm significados opostos consoante o género considerado. No caso dos contratos sem termo (-3,5%) foram os homens que mais viram estes contratos diminuir (-13,5%), enquanto as mulheres viram-nos aumentar (6,9%). Os contratos com termo aumentaram (6,8%), embora mais para os homens (18,3%) e menos para as mulheres (-6,3%), revelando assim um significado claro destas molduras em termos de género.

Sobre os tempos de contrato (completo/parcial) diremos que estes denotam a diminuição dos tempos completos (-7,6%) e o aumento dos tempos parciais (68,5%), ainda que os dados disponíveis não permitam efetuar leituras complementares sobre os impactos em termos de género.

Finalmente, tenhamos em consideração os dados referentes aos salários médios mensais líquidos (RSMML), que foram por nós submetidos a um exercício de ajustamento, em função da variação do índice de preços no consumidor (IPC) na Madeira, que no período (2008-2020) se cifrou em 13,6% (Tabela 5).

Tabela 5 – Rendimento salarial médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem por setor de atividade principal (CAE – Ver. 3) e IPC

	2008	2014	2019	2020	Var.	Var. %	IPC 2008-2020	Var. % aj IPC	Var. % anual média após aj IPC
	€								
Total	712,0	748,0	803,7	864,6	152,60	21,4%		7,8%	0,6%
Setor de atividade principal									
A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	514,0	458,8	504,5	628,8	114,80	22,3%	13,6%	8,7%	0,7%
B a F: Indústria, construção, energia e água	665,0	734,5	770,7	782,8	117,80	17,7%		4,1%	0,3%
G a U: Serviços	733,0	756,6	815,5	880,6	147,60	20,1%		6,5%	0,5%

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego, INE/DRE – IDEF – inquérito às Despesas das Famílias e Estatísticas do Emprego e Anuário Estatístico do RAM

Conclui-se que o RSMML teve crescimentos reais diminutos, sendo que em termos gerais apresenta uma variação no período de 21,4% (152,60€), mas quando ajustados em função do IPC (13,6%) o crescimento real é de 7,8% (2008-2020), valor que em termos de variação percentual média anual corresponde a meros 0,6%.

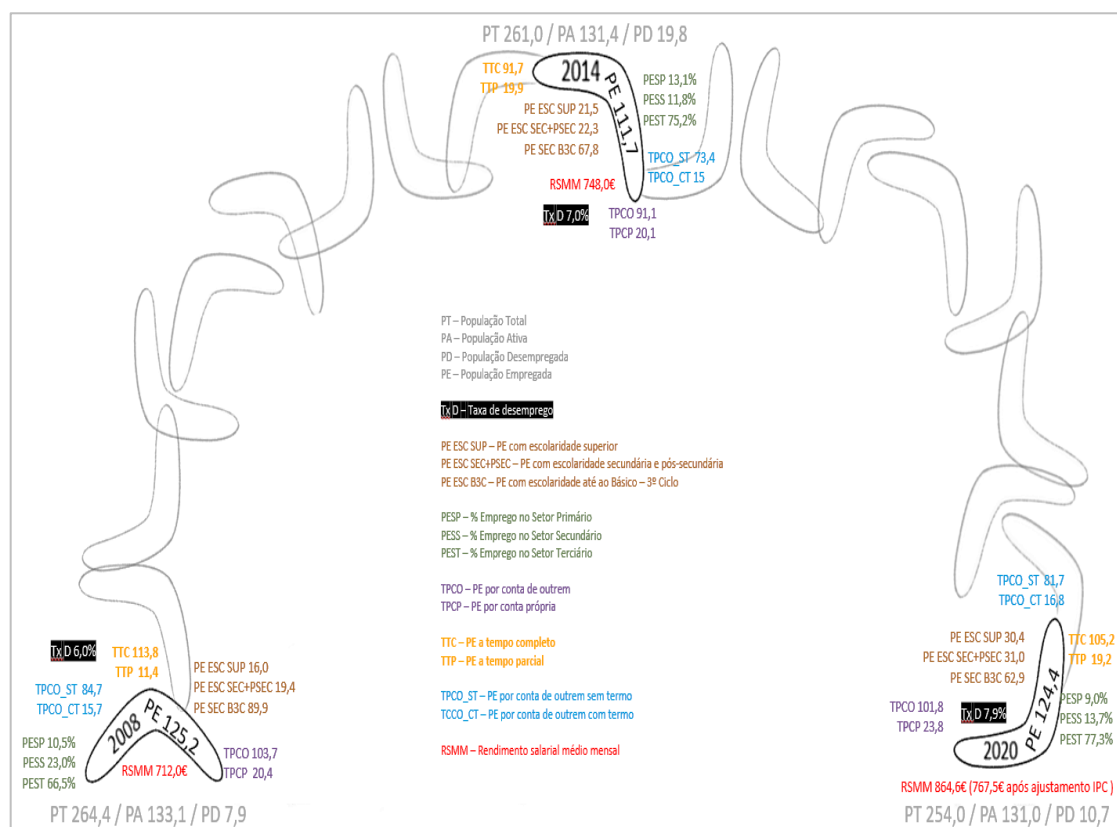
O fenómeno identificado repete-se nos diferentes setores de atividade, quando estes são considerados de forma isolada. No caso do setor agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, após o ajustamento em função do IPC, obtivemos um crescimento real anual médio de 0,7%. Algo de semelhante ocorreu no setor da indústria, construção, energia e água, cujo crescimento real anual médio foi de 0,3% e no setor dos serviços em que a cifra homóloga foi de 0,5%.

Reflexões finais

Tendo em consideração os dados manuseados é plausível imaginar e sugerir a existência de uma trajetória bumerangue do emprego na Madeira, entre 2008 e 2020 (Figura 2), distinta das trajetórias mais recorrentes em “V”, “U” ou “W”, na medida em que este tipo de trajetória bumerangue, sendo mais ampla e menos concentrada, agrega várias transformações graduais, que cumulativamente se revelam expressivas. Na verdade, a trajetória bumerangue do emprego tem a particularidade de representar um tipo de movimento do emprego ao longo do tempo, cujo final é um retorno (enganador) aos níveis quantitativos de emprego observados no início do mesmo movimento (2008).

É certo que a PE da Madeira em 2020 cifrava-se em cerca de 124.400 indivíduos e como tal não estava muito aquém dos 125.200 indivíduos contabilizados em 2008, porém, o aparente e enganador retorno em 2020 aos mesmos níveis de emprego de 2008 não é exatamente neutro. Faz-se acompanhar de alterações (segmentações e polarizações) nas relações laborais, que são simultaneamente sinónimo de emprego cristalizado, particularmente, em matéria salarial, não obstante a inegável melhoria dos atributos-chave da população empregada da Madeira, sendo neste sentido merecedor de destaque a progressão dos níveis de escolaridade.

Figura 2 – Trajetória bumerangue do emprego na Madeira (2008-2020)



Assim, as variações na taxa de desemprego *per se* e outras variações quantitativas observadas na população empregada no período considerado (2008-2020), representam materiais preciosos para a análise sociológica, mas acabam por ser insuficientes para compreender a transformação do emprego na Madeira. A trajetória bumerangue do emprego na Madeira (2008-2020) corresponde a um período de 13 anos em que ocorreram várias transformações significativas. Para além da melhoria do nível de escolaridade da população empregada, este foi um período em que ocorreu o aumento do emprego no setor terciário, a disseminação de arranjos laborais mais instáveis, refletidos no crescimento das modalidades contratuais a termo certo e parcial, mas em que os rendimentos salariais médios se sujeitaram a crescimentos reais anuais médios de 0,6%.

A trajetória bumerangue do emprego na Madeira (2008-2020) que propomos nesta reflexão é passível de melhoramento futuro, nomeadamente, através da utilização de novos dados, que, entretanto, possam ficar disponíveis. No entanto, o exercício desenvolvido, é em nosso entender revelador da centralidade do tema (emprego na ultraperiferia) e de como este representa uma matéria social delicada, que encerra em

si as ambivalências e os paradoxos que tanto associamos à contemporaneidade, inclusive num contexto insular e ultraperiférico como a Madeira.

Notas

- ⁱ Informação adicional sobre as Regiões Ultraperiféricas da UE pode ser obtida em https://ec.europa.eu/regional_policy/en/policy/themes/outermost-regions/#8
- ⁱⁱ O turismo é particularmente estruturante nas RUP, sendo por esta razão facilmente compreensível o impacto da pandemia nos territórios ultraperiféricos europeus.
- ⁱⁱⁱ Disponível em https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:9e8d52e1-2c70-11e6-b497-01aa75ed71a1.0019.01/DOC_3&format=PDF
- ^{iv} Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são parte da Resolução 70/1 da Assembleia Geral das Nações Unidas: <https://ods.imvf.org/>
- ^v O memorando de entendimento sobre a concessão de assistência financeira da União Europeia a Portugal pode ser consultado em <https://s.economias.pt/ficheiro/memorando-de-entendimento-sobre-as-condicionalidades-de-politica-economica.pdf>
- ^{vi} O documento da conferência de imprensa de 27 de janeiro de 2012 encontra-se disponível em <https://www.dn.pt/DNMultimedia/DOCS+PDFS/PlanoMadeira.pdf>

O autor do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico.

Referências

- Atzeni, M. (Ed.) (2013). *Workers and labour in a globalized capitalism. Contemporary Themes and Theoretical Issues*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Barbier, J-C. (2013). A Conceptual Approach of the Destandardization of Employment in Europe since the 1970s. In M. Koch & M. Fritz (Ed.), *Non-Standard Employment in Europe: Paradigms, Prevalence and Policy Responses*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Beck, U. (2000). *The Brave New World of Work*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Beck, U. (2001). *La société du risque*. Paris: Champs Flammarion.
- Boltanski, L. & Chiapello, É. (1999). *Le nouvel esprit du Capitalisme*. Paris : Gallimard.

- Carré, F., Ferber, M., Golden, L. & Herzenberg (Ed.) (2000). *Nonstandard Work: The Nature and Challenges of Emerging Employment Arrangements*. Champagne: IRRA.
- Davies, J. & Shorrocks, A. (2018). Comparing global inequality of income and wealth. *United Nations University-World Institute for Development Economics Research (UNU-WIDER) Working Paper*, 2018/160 (December).
- Dias, J., Kovács, I e Cerdeira, M. (2020). Mudanças recentes na estrutura de emprego em Portugal. Segmentação e polarização. *Sociologia On Line. Revista da Associação Portuguesa de Sociologia (APS)*, 22, 112-137.
- Duggan, J., Sherman, U., Carbery, R. & McDonnell, A. (2020). Algorithmic management and app-work in the gig economy: A research agenda for employment relations and HRM. *Human Resources Management Journal*, 30, 114–132.
- Fabício, R, Koene, B. & Sobral, F. (2016). Work and employment in the liquid modernity era. In M. José Chambel (Ed). *Self-Determination Theory*
- Fabício, R. (2015). Dados e reflexões sobre o mercado de emprego da Madeira (2005-2013). *Proceedings of the First ISSOW*, 446-463.
- Fabício, R., Sobral, F. & Lopes, F. (2014). Índícios e evidências da reconfiguração do emprego em Portugal (2005-2013). *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia*.
- Kalleberg, A. (2009). Precarious Work, Insecure Workers: Employment Relations in Transition. *American Sociological Review*, 74, 1-22.
- Koch, M. & Fritz, M. (Ed.) (2013), *Non-Standard Employment in Europe: Paradigms, Prevalence and Policy Responses*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Kosh, M. (2013). Employment standards in transition: From Fordism to finance-driven capitalism. In M. Koch & M. Fritz (Ed.), *Non-Standard Employment in Europe: Paradigms, Prevalence and Policy Responses*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Kovács, I. (2002). *As metamorfoses do emprego*. Oeiras: Celta.
- Kovács, I. (2005). *Flexibilidade de emprego*. Riscos e oportunidades. Oeiras: Celta.
- Perrow, C. (1991). A society of organizations. *Theory and Society*, 20, 757-762.
- Plihon, D. (2003). *O Novo Capitalismo*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Sallaz, J. (2013). *Labor, Economy and Society*. Cambridge: Malten Polity.
- Sennet, R. (2000). *A corrosão do carácter. As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Lisboa, Terramar.
- Sennet, R. (2006), *The culture of the New Capitalism*: New Haven & London: Yale University Press.